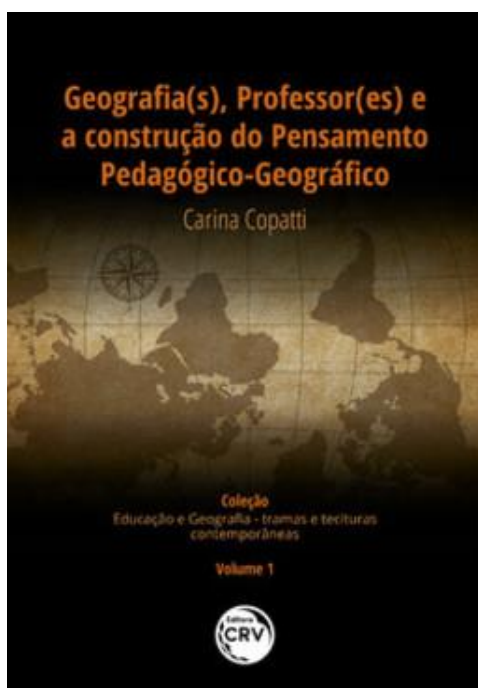


RESENHA

COPATTI, Carina. **Geografia(s), Professor(es) e a construção do Pensamento Pedagógico-Geográfico**. Curitiba: CRV, 2020. 184 p.

Elizene Aparecida Soares

Licenciada e Mestranda em Geografia pela Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes.
elizeneaparecidasoares@gmail.com



A partir do desafio de escrever, de organizar o pensamento, de expressar algumas ideias, a autora Carina Copatti, enquanto professora e pesquisadora, elaborou o livro “Geografia(s), Professor(es) e a construção do Pensamento Pedagógico-Geográfico”. A ideia do livro, em parte, de sua tese de doutorado, defendida em 2019 no Programa de Pós-graduação em Educação nas Ciências da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUI, sob orientação da professora Helena Copetti Callai. Além disso houve algumas inserções feitas após a releitura do material tese.

O livro “Geografia(s), Professor(es) e a construção do Pensamento Pedagógico-Geográfico” faz um debate em relação ao desenvolvimento de um modo de pensar espacial e a constituição do pensamento geográfico em distintas perspectivas construídas desde o século XIX. Além disso, contempla aspectos do pensamento geográfico no contexto brasileiro, na academia, na geografia, nos livros didáticos e percepção de professores que atuam na formação docente e na escola básica. Esse movimento de compreensão do pensamento geográfico auxilia a olhar a formação e a atuação docente, compreendendo como se constitui o pensamento geográfico do professor e buscando, a partir da necessidade da Educação Geográfica, defender um modo de pensamento que a autora denomina Pensamento Pedagógico-Geográfico de Professor.

A obra possui 183 páginas distribuídas ao longo de dez capítulos. O primeiro capítulo é intitulado “O pensamento humano e o desenvolvimento de um modo de pensar

espacial”. A autora tece importantes análises sobre o pensamento espacial, não apenas pela dimensão locacional, mas também pelas relações construídas em diferentes escalas de análises geográficas, bem como a relação tempo-espço, a dimensão cultural e outros elementos que favorecem a compreensão do espaço a partir do viés geográfico.

No segundo capítulo, intitulado “A constituição de um modo de pensar geográfico”, a autora destaca a importância de como o pensamento espacial foi aprimorado a partir do desenvolvimento de novas ideias e do raciocínio espacial, que resulta da capacidade de relacionar aspectos de dimensão espacial com base nas reflexões sobre fenômenos e dinâmicas em diferentes escalas. Na Geografia, esse processo envolve a escala de análise geográfica que busca estabelecer um olhar mais amplo sobre as relações que permeiam sociedade e natureza em múltiplas dimensões. Nesse sentido, partindo da necessidade de que, no movimento de construção de um modo de pensar geograficamente, o professor ou o futuro professor, no contexto da formação acadêmica, precisa ter clareza sobre os conhecimentos da tradição geográfica e pedagógica, dos conteúdos teóricos e demais conhecimentos inerentes à prática de ensino. Ele tem condições de tomar decisões, seja sobre conteúdos, metodologias, estratégias e ensino, formas de avaliação, além de realizar a escolha do livro didático e utilizá-lo com base no conhecimento construído.

O terceiro capítulo, intitulado “Teoria e método no pensamento geográfico”, busca elencar como o processo de desenvolvimento dos modos de pensar geográficos teve influência significativa do pensamento filosófico a partir de distintos métodos, principalmente, o Empirismo Inglês, o Idealismo Alemão, a Dialética Hegeliana, o Positivismo Comtiano e o Materialismo Histórico Marxista que, além de servir de base teórica para o conhecimento filosófico e científico, possibilitaram a construção de diferentes métodos para a interpretação da realidade. Além dos diferentes métodos e suas respectivas teorias, há categorias e conceitos consolidados como centrais na Geografia. As referidas categorias de análise geográfica são estruturas que funcionam de maneira ampla, articulando as ideias e os modos de pensar, possibilitando análises a partir de certos conceitos. Além de servir para a definição mais específica de determinados estudos, seguindo teorias e métodos adequados.

O quarto capítulo, intitulado “Categorias, conceitos e princípios geográficos” tece uma reflexão sobre a existência de categorias e conceitos consolidados como centrais na ciência, além dos diferentes métodos e teorias, e que, no contexto da Geografia, ganham suas especificidades. Os princípios geográficos também são colocados em debate pois são parte da estrutura que compõe o pensamento geográfico. Ressalta os avanços no pensamento geográfico obtidos pelos pensadores gregos, clássicos, modernos e pós-

modernos.

O quinto capítulo, intitulado “O pensamento geográfico no contexto brasileiro”, salienta que a Geografia brasileira, seguindo a dinâmica geral desta ciência, teve diferentes vieses, consolidados a partir dos contrapontos que orientam o andamento epistemológico da Geografia mundial, trazendo a “ambiguidade de ser uma ciência dos homens e dos lugares, uma ciência da civilização ou da região e uma ciência de integração ou fragmentada numa pulverização setorial” (MOREIRA, 2014, p. 13). A autora ressalta que o pensamento geográfico brasileiro tem um percurso constituído que compreende a dinâmica da Geografia mundial com a presença marcante, principalmente do pensamento geográfico francês e norte-americano. Contudo, organiza-se a partir de autores brasileiros que têm produzido, ao longo do tempo, obras importantes que contribuem ao avanço da Geografia científica.

O sexto capítulo, intitulado “A presença do pensamento geográfico na geografia escolar brasileira”, apresenta que as perspectivas inovadoras, apesar de seus avanços, essencialmente desde a década de 1990, ainda constituem um desafio para a geografia escolar brasileira. Portanto, o que é questionável são as maneiras como se estruturam essa forma de pensar o ensino da Geografia, de modo mnemônico e descritivo, buscando “transmitir conhecimentos”. O desafio é construir conhecimentos para questionar, argumentar e inserir o aluno nas análises, objetivando aprender com significado. No contexto das ciências sociais, a Geografia, em sua dimensão escolar, refletida sob um pensamento que tem como aporte a perspectiva crítica, encontra na relação dialógica com o espaço geográfico e com outros sujeitos, formas de pensar uma educação significativa não apenas para conhecer, mas para atuar no mundo. Portanto, enfatiza a importância que tem o livro didático na relação com o professor e o ensino de Geografia. Contudo, depende do professor utilizar a estrutura do pensamento geográfico que construiu e o conhecimento complexificado que organizou, para tecer relações com o livro didático usando-o sob um olhar crítico e contextualizado.

O sétimo capítulo, intitulado “A (in)visibilidade do pensamento geográfico nos livros didáticos”, trata das análises e conceituações direcionadas ao Livro do Aluno (LA) e do Manual do Professor (MP). Destaca-se que o enfoque da análise desses materiais recai sobre os elementos do pensamento geográfico visíveis e outros não mencionados nos livros didáticos destinados ao ensino escolar de Geografia. A autora defende que abordar o pensamento geográfico no livro didático tem grande importância, tendo em vista que este material, além de influenciar o processo educativo, em muitos momentos, por constituir-se como o recurso mais presente em sala de aula, contém um conjunto diverso de

conhecimentos que precisam ser cuidadosamente identificados e analisados pelo professor.

A autora explica que os livros analisados trazem seu foco especificamente nos conteúdos expostos de maneira, muitas vezes, desconexa entre si. O modo questionador não se refere a perguntar sobre conteúdos, mas tratá-los como proposição para entender o mundo. Isso também perpassa o Manual do Professor, um recurso que poderia propor questionamentos ao professor, tecendo relações, aproximando experiências que se baseiem, de modo mais efetivo, na estrutura do pensamento geográfico científico, haja vista que o professor precisa considerar essa estrutura no trabalho que desenvolve em sala de aula.

O oitavo capítulo, intitulado “O pensamento geográfico em distintos olhares de professores”, apresenta uma reflexão de que a formação docente remete à pretensão de que o professor saiba conteúdos, compreenda os processos históricos e científicos que os tornaram relevantes para constar nos currículos, articulados aos processos pedagógicos de como e porque aprender determinado conteúdo em sala de aula. Ademais, tem destaque a compreensão sobre a epistemologia da Geografia, aspectos de teoria e método, indispensáveis para desenvolver raciocínios geográficos, essenciais no sentido de interpretar o espaço.

Para entender o pensamento geográfico do professor e como este é construído e estruturado na formação, na atuação docente, foi planejada a pesquisa empírica em dois momentos. O primeiro momento abarca entrevistas semiestruturadas com docentes que atuam na formação de professores de Geografia na educação superior. A partir dos relatos, os faz entender que a formação do pensamento geográfico dos professores deve ser pensada como algo processual, construído sobre a leitura e interpretação das relações sociedade-natureza considerando multicausalidades, multiespaço-temporalidades, multiperspectivas e multiescalaridades.

O segundo momento envolve entrevistas com professores de Geografia na Educação Básica. Os professores entrevistados, deixam explícito, em determinados momentos, a dificuldade de definir o que seja o pensamento geográfico e o pensamento construído no professor, trazendo à tona a ideia de que pouco refletem no cotidiano sobre aquilo que sabem, que fazem e que fundamenta a ação docente a pensar. Percebe-se que essa ideia se aproxima com o que um dos professores entrevistado explicita sobre o modo como o professor da educação básica é habitualmente visto, não como produtor de conhecimento. Dessa forma, apenas os pesquisadores (geralmente professor da academia) são vistos como produtores de conhecimentos geográficos. Nesse sentido, normalmente o professor não é tido como sujeito que possui um pensamento geográfico organizado, capaz de produzir outros pensamentos.

O nono capítulo, intitulado “Pensamento geográfico de professor e sua relação com a educação geográfica”, explica que a comunicação entre a escola e universidade tem sido um desafio ainda não superado na realidade educacional brasileira. Existe um distanciamento muito grande entre estas esferas e um jogo de forças que serve, em grande medida, para culpabilizar ora a universidade, por não formar de modo consistente os professores para atuarem nas escolas, ora a escola, por não conseguir modificar a sua realidade perante uma sociedade complexa e desigual. Nesse entendimento, a ação comunicativa requer dialogar de modo contínuo na escola e na relação escola-universidade.

No último capítulo do livro, intitulado “A construção de um Pensamento Pedagógico-Geográfico de Professor”, a autora aponta que o Pensamento Pedagógico-Geográfico abarca a estrutura que comporta a ciência geográfica como um todo, levando em conta a linguagem geográfica (conceitos, categorias, princípios, expressões), o método (construção teórico-metodológica), a estrutura dos conteúdos e os temas próprios dessa ciência, são mobilizados em interlocução com a dimensão pedagógica. Ressalta que desenvolver o Pensamento Pedagógico-Geográfico é condição que alicerça o professor para além do conteúdo apreendido na academia e a ser ensinado no contexto escolar. Esse modo de pensamento é constituído por meio da estrutura do pensamento geográfico que consolidou, alimenta e é alimentado pela ciência Geografia, a partir de relações estabelecidas dialeticamente entre essas dimensões em interação com o conhecimento pedagógico.

Para a autora, protagonizar a organização e o planejamento educativo pensando nas abordagens possíveis de serem realizadas a partir do conhecimento construído pela humanidade ao longo do tempo e, por meio dele, construir novos conhecimentos sob o viés do pensamento geográfico científico, tende a contribuir para fortalecer, nos docentes, a visibilidade de si como sujeitos ativos, cujo pensamento é ferramenta essencial para atuar socialmente. O Pensamento Pedagógico-Geográfico de Professor é essencial nesse movimento de relação entre pensar e abordar/desenvolver determinadas propostas de ensino e aprendizagem geográfica.

Assim, encerra-se o livro chamando atenção aos profissionais professores que, ao mobilizar o Pensamento Pedagógico-Geográfico, tendem a tecer caminhos a fim de favorecer a qualidade que um processo educativo escolar propõe, no sentido da construção da cidadania dos sujeitos inseridos no mundo. As reflexões sugerem caminhos para a prática do ensino de geografia que alicerçam a formação conceitual e que estimulam a autonomia do professor e o saber geográfico crítico. As contribuições apresentadas no livro possuem um caráter formativo, tendo como público-alvo futuros professores, estudantes

dos cursos de licenciatura em Geografia e professores e profissionais da área. Salienta orientações importantes para pensar a geografia no âmbito escolar na qual é capaz de gerar conhecimentos e tem no professor a centralidade na condução desse processo, que pode levar a transformar os sujeitos e as sociedades em relação aos conhecimentos espaciais e geográficos. A importância do Pensamento Pedagógico Geográfico, seu papel diante da necessidade de uma Educação Geográfica, onde constitui-se como um movimento de construção contínua. Portanto, essa construção precisa sempre ser pensada e planejada numa perspectiva de autonomia docente, seja na atuação docente, interagir com o aluno, com o currículo, com a legislação educacional, com a realidade em que atua, com o livro didático e outros recursos disponíveis.

REFERÊNCIAS

COPATTI, Carina. **Geografia(s), Professor(es) e a construção do Pensamento Pedagógico-Geográfico**. Curitiba: CRV, 2020. 184 p.

MOREIRA, Ruy. **O pensamento geográfico brasileiro: as matrizes brasileiras**. São Paulo: Contexto, 2014. v. 3.

Recebido para avaliação em 08/06/2021

Aceito para publicação em 01/07/2021